

= *leu* =

Erravam pelo ar naquela tarde loira eflúvios
roxos d'alma e ansias de não-ter.

ellãs cantos de rainha, loucos d'emeraldas,
davam aroma e pócio á brisa do crepúsculo.
O ar naquela tarde pra saudade e além...

E as asas duma quimera, longinquamente
batendo, a ungi-lo de irreq...

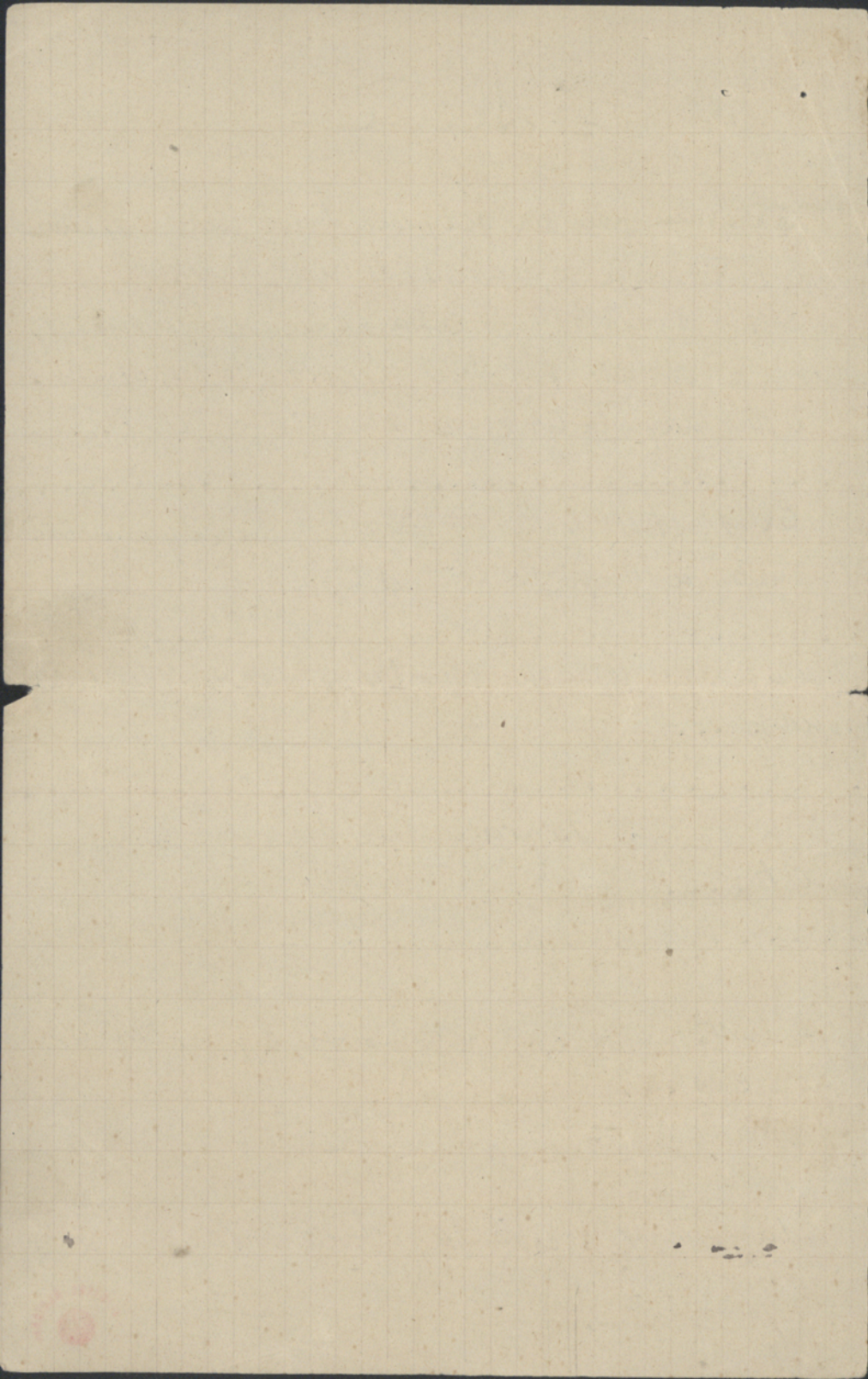
Lufadas de folhas mortas, todas skeirosas a
noubra...

Um ar que sabia a luz e que rangia a
cristal...

E muito as longe, muito as longe, as casas
brancas...



Na grande alcova da victoria, toda nua e



toda ruiva, em Linba. a finalmente estiraga
da sobre o dito fantastico da cor.

Linda espiral de carne agreste, a mais formosa onychia para unir os olhos de mistério, sabendo que eu amava as ondas d'estrachey...

É o seu braco, de nervos, gram coros...

E os seus lábios, de rubros, gran dor...

No jardim, os girassóis não olhavam para o sol...

Verquei-me todo para ela...

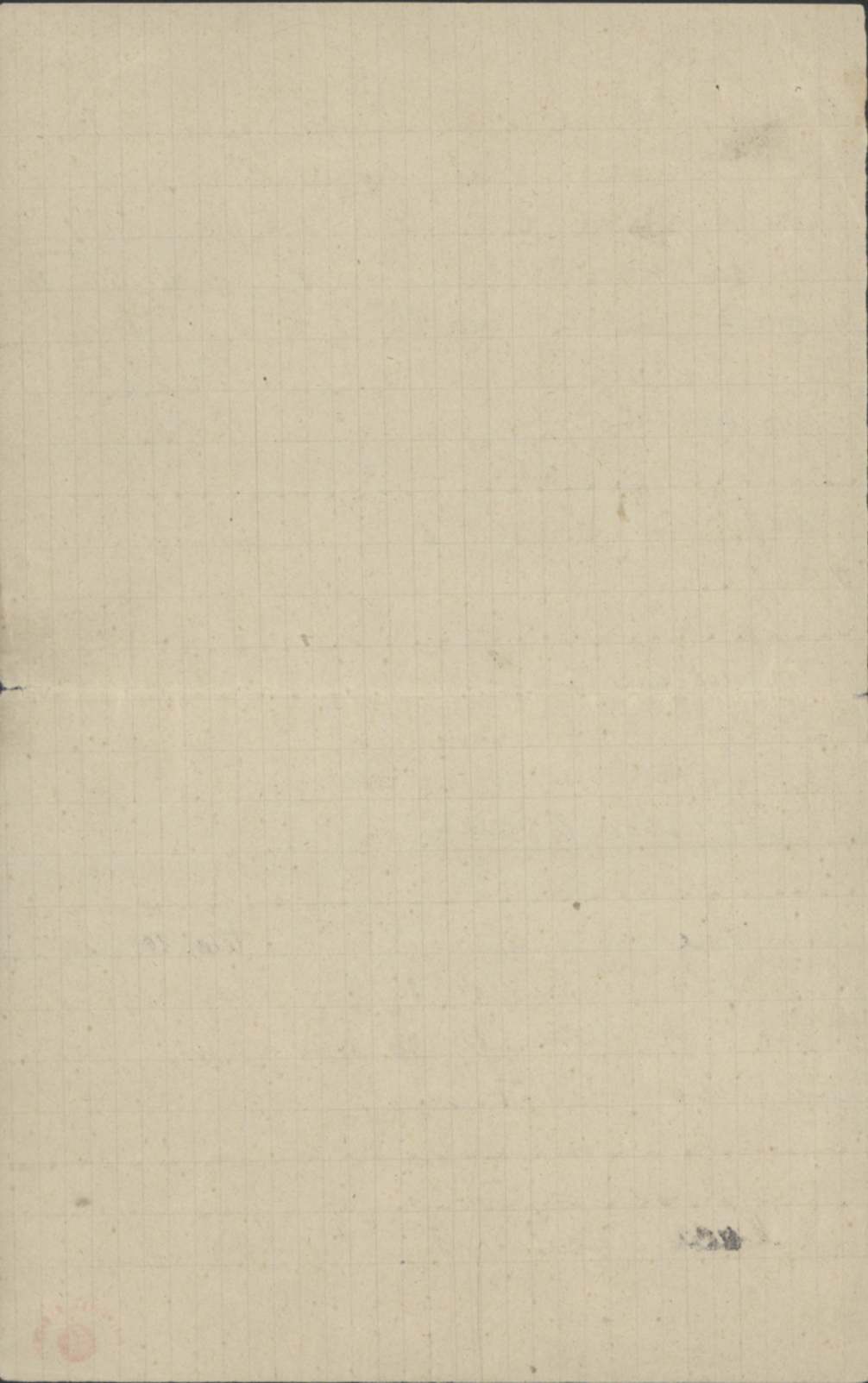
Ahora esmállen...

Le ar tornou. se mais irreg. . .

Heure un cortis de estrelas...

Que face daquella gloria que tu me collocas
tão perto, que me ia sagrar enfim, os
meus olhos com esforço e a minha alma
um disco d'ouro!...

A ~~Looca~~ acerava as pontas dos seios, para



o tornar mais acres, para me ferir melhor.

E os meus lábios de ansia, sofriam já da saudade
dos beijos que lhe iam dar.

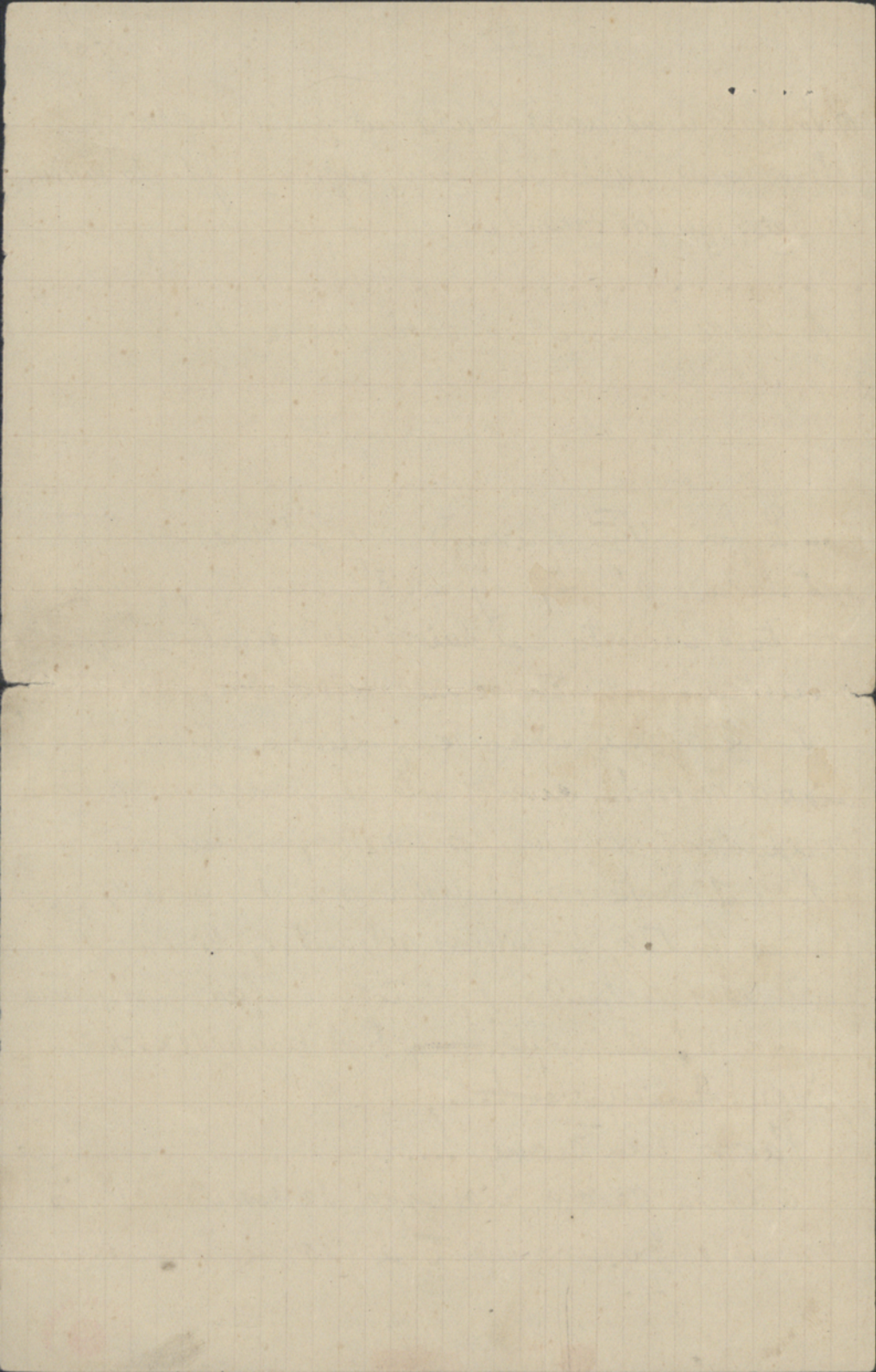
.....
Ao longe sempre as cosas brancas...

~~~~~  
...E foi então quando eu já me sentia  
entrelaçado d'ouro, sagrado d'aleu-côr, quando  
era todo encanto em laivos de infinito — que  
o instante abateu e me desencantou.

Sobre o meu corpo de equilibrio — viro d'horror!  
viro de horror! — cubriente se lançava a teoria  
arripadora dos angulos agudos, zomhando  
estritamente dos redemoinhos e das curvas...  
Linhas brutais, torções vilantes, linhas  
quebradas destruidoras, tudo pulcavam, tudo  
rugaram, tudo ~~sufocaram~~! A limpidar! Ahim,  
piver! ~~A limpidar!~~...

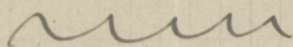
Pavor sem nome!...

E uma gaiola picaresea de losangos veio  
descendo guturalmente a desmudar-lhe



a carne nua — de toda a cor, de todo o som, de todo o aroma; encerrando-a, a girar em volta dela numa vertigem monstruosa de círculos enlameados, impossíveis!...  
Toda a helera em estilhaços gostava-me que lhe salvasse...  
E o meu olhar — que saudade! — não lhe podia valer...

As casas brancas não perdoam! As casas brancas não perdoam!...



Triste de mim, sem ar, a oscilar — ainda tão vibrante... Que  
rir mentir a mim mesmo, queria voltar — mas tudo me perdoava...  
A' força de ilusões volvi-me numa grande navinha: fui Príncipe  
reem Rei, iluminado a luz falsa — luz que não soava,  
e era ôca, deserta e melódica...  
— Para quê? Para quê?...

Breve o meu corpo tombara na terra firme, anordecido  
em alma — e tudo ruía ao meu redor: alas de insó-  
lita, galeões dourados, torres de prata, zimbórios d'ouro... Tudo  
ruía — mas tudo ruía em sortilégio, noitras ruínas: o ouro  
em seios perdidos, a prata em glória abandonada...

Po' as ruínas das casas brancas, eram ruínas  
de casas brancas...

Paris - Janeiro de 1913

Maris de Po' - Carneiro

Como eu não posso

Olho em volta de mim. Tudo possumo -  
Um affecto, um sorriso ou um abraço.  
Só para mim as auriolas se diluam  
E não posso mesmo quando erlago.

As coisas que desejo - se as tacteis  
Descubro que não são como as outras.  
Fornem-me estrova e, em verdade, eu sei  
Que mesmo tendo-as velas não me adianta

A vida acorava as pontas dos aios para os tornar mais aeres, para  
me sentir melhor

E os meus labios d'aurea sofriam fã da saudade  
Do beijo que lhe iam dar...  
Mas de repente a beleza tornou-me o olhar  
em espanto - pude compreender o olhar o. for  
a beleza era morto...

Eu via... o espaço... Eu via a ar...  
E era cavalgada medonha dos anjos apidos  
prespostos. E sobre o seu corpo ideal as materialia  
do brutalmente, comendo do redemoinho  
e das curvas. Logo a seguir - uma  
gaiola piecoseca de losangos comegou girando  
sem volta da sua carne...

E a sua beleza em estilhaços gritava-me  
pela salvacao...  
Clas em tãtica acaos e ta das...  
Como pedra...

E ao longe sempre as caras brancas...  
As caras brancas não perdiam...

400

Opera - Rainey - 1.30

a Roumainville - 1.15

Trinité Sughillie 1.15

|       |
|-------|
| 1.50  |
| 0.70  |
| 0.30  |
| <hr/> |
| 2.50  |
| 2.50  |
| <hr/> |
| 0.00  |

|       |
|-------|
| 0.50  |
| 4.15  |
| <hr/> |
| 4.75  |

|       |
|-------|
| 2.25  |
| 4.75  |
| <hr/> |
| 2.50  |
| <hr/> |
| 2.25  |

Cucuse - Bonenid = 1.15

Parillon avois - 1.5

Madeline P. Denis Antel 53

Opera - Parillon Louis Bois - 1.20

" - Parillon Bois - 1.10

Funiculins M. M. M.

Leiros de sapo ao longo do rio a ouro fudo gaud  
Parfumer de illy cristalline  
Pur maguelade  
Funiculins de cor, intins, a'ab



A luster das cores que não foram decanar na alma - eu agora uma esfinge sem uiterio - e o maior dorador do meu olhar  
bão era de ouro, ai não era de ouro, reflexos  
de ouro, gran reflexos - agora gran athenes  
reflexos / de ouro / fides / fides e athenes  
reflexos de ouro. ~~Reflexos~~ ora reflexos Otan  
Reflexos de ouro

Mas de muito o espasmo que ~~de suspensa~~  
~~de ideal~~ Em novo ideal Arrengor  
o meu corpo as alturas ... Quepui-me de uitor  
grifos ~~para a terra~~ ~~princípio~~  
Terra! Terra!

Grifos sem aras!

Deos sem fuba

Cartas de monumentalidade

E então desci de novo da terra

E cheio de orgulho ele ~~era~~ ria  
que se tinha eneguido eradir da  
humildade - que as crises da vida  
já nem o atraíam nem inspiravam  
nem lhe suscitavam pensamentos.

E seu espirito ardeia mais  
alto. E seu cerebro apenas  
tremulava além. E a coisa  
estranha - ao encontrar isto,  
cheio de orgulho, ao mesmo

tempo uma amargura infinito  
de dor na alma. E' q' subindo  
ele era a esta sublime e  
sacrificado do genio. Entere  
sublime e sozinho,

Si reus encontros. E admiramos  
as suas mãos e chegava mesmo  
a beijá-las. E' q' se lembrava  
de q' um dia ela as tinha  
gahado.

- Gentil Amor
- O Homem dos Sonhos
- Alem
- Lettres à l'Inconnue





Alem

NSD/2

= blanc =

Arrastado pelo ar naquela tarde líria e flutuante  
sobre a bruma e ondulada de não-estar.

Quais pontos de luz; faixas d'incandescência,  
de uma bruma e ténua a brisa do crepúsculo.

Essa naquela tarde era suave e alva...

E as suas d'outras, quimera, luxuriantemente  
fatuosa, a luz do sol de ouro...

Supremacia de fôrmas d'outro, todas chamadas  
luzes...

Que as luzes sobre o mar e que a luz da  
luz...

Quanto ao mar, quanto ao mar, as luzes  
luzes...

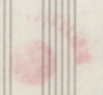
Que a luz do mar e do mar, a luz do mar  
Céu em Fogo

Paris - Janeiro de 1913.

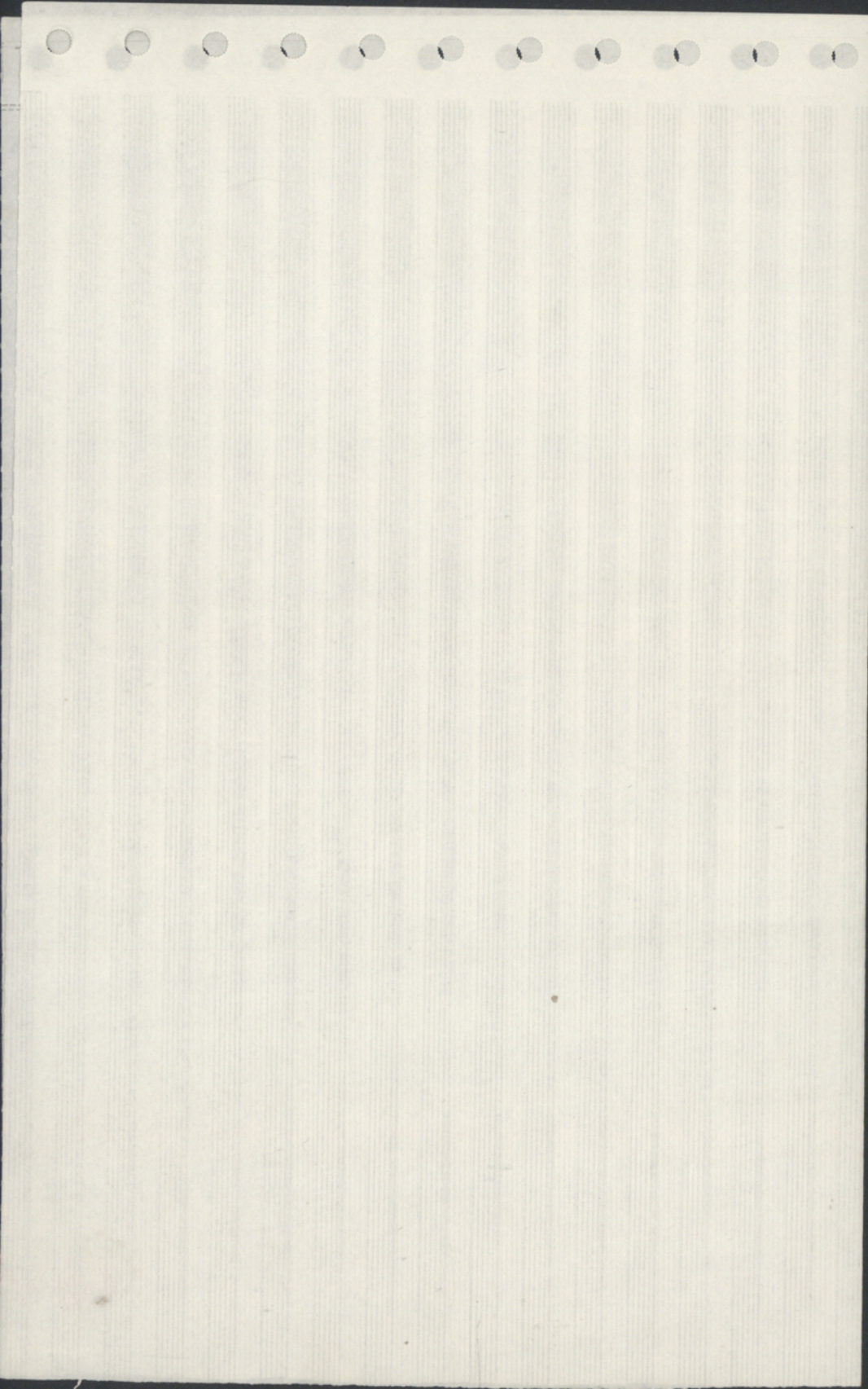


1024

Alone



Levin  
Jan 1911



Alcorno

Nº 12

San Juan de los Rios

San Juan de los Rios